

OS DEVORADORES DE LIVROS



SUNYI DEAN

Tradução de **Vinicius Rocha**



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

*À minha mãe,
que foi uma força da natureza sua vida inteira;
e ao meu amigo John O'Toole,
que é praticamente um Jarrow.*

Amostra

ATO 1

CREPÚSCULO





DEVON DURANTE O DIA

DIAS DE HOJE

Acabamos de começar a navegar uma região estranha; devemos esperar encontrar aventuras estranhas, perigos estranhos.

— Arthur Machen, *O Terror*

Ultimamente, Devon comprava apenas três coisas no mercado: livros, bebida e creme para pele sensível. Os livros, ela comia, a bebida mantinha sua sanidade, e o creme era para Cai, seu filho. Ele ocasionalmente sofria de eczemas, especialmente no inverno.

Não havia livros nesta loja de conveniência, apenas fileiras de revistas cafonadas. Nada de seu agrado, e, de qualquer forma, ela já tinha muitos livros para comer em casa. Ela percorreu com os olhos revistas de pornografia leve, ferramentas elétricas e a seção Casa & Decoração até a prateleira mais baixa, repleta de revistas infantis que brilhavam em tons de rosa e amarelo.

Devon passou suas unhas curtas e malfeitas pelas capas. Pensou em comprar uma delas para Cai, porque ele parecia gostar de ler esse tipo de coisa no momento, mas optou por não comprar. Depois de hoje, as preferências dele podem mudar.

Ela andou até o fim do corredor, fazendo o linóleo ranger sob os saltos de suas botas, e colocou sua cesta no caixa. Quatro garrafas de vodca e um pote de creme para pele.

O atendente olhou para a cesta e, depois, de volta para ela:

— Identidade?

— Perdão?

— Posso. Ver. Sua. Identidade? — repetiu ele lentamente, como se falasse com alguém com audição ruim.

Ela o fitou.

— Eu tenho 29 anos, pelo amor de Deus! — E aparentava ter vivido cada um daqueles anos.

Ele deu de ombros e cruzou os braços. Aguardando. Ele mesmo era quase um garoto, tinha no máximo 18 ou 19 anos, trabalhando no comércio da família e provavelmente tentando seguir todas as regras direitinho.

Compreensível, mas ela não conseguiu fazê-lo ceder. Devon não tinha identidade. Nem certidão de nascimento, nem passaporte, nem carteira de motorista; nada. Oficialmente, ela não existia.

— Deixa pra lá. — Devon empurrou a cesta em direção a ele, as garrafas tilintando. — Eu arrumo bebida em outro lugar.

Ela saiu, irritada e angustiada. Via a molecada comprar bebida em outras lanchinhas o tempo todo. Isso era corriqueiro por aqui. Era ridículo alguém decidir cobrar documentos *dela*, claramente uma adulta.

Só depois de atravessar a rua parcamente iluminada, percebeu que saía sem comprar o creme para pele. Foi um vacilo pequeno esquecer o creme, mas ela vacilava com Cai tão constantemente e de formas tão variadas e diversas que mesmo esse pequeno engano foi suficiente para que uma raiva renovada tomasse conta dela.

Cogitou voltar lá para comprar o creme, mas conferiu o relógio no pulso. Já eram quase 20h. Ela corria o risco de se atrasar.

Além disso, eczema não era nada comparado à fome dele. Era muito mais importante alimentá-lo.

Newcastle-upon-Tyne era uma cidade até bonitinha, ainda que um pouco barulhenta para o gosto de Devon. Nesta época do ano, o Sol se punha às quatro da tarde. O céu já estava completamente escuro e os postes se acendiam com um zumbido característico. A falta de luz ambiente combinava com seu estado de espírito. Compulsivamente, ela conferia seu telefone com uma lista de contatos bem pequena. Nada de mensagens. Nada de ligações.

Ela caminhou silenciosamente por uma fileira de varandas decrépitas. Transeuntes iam e vinham pela calçada. Havia um grupinho de pessoas amontoadas do lado de fora de uma das casas, bebendo e fumando. Havia música transbordando pelas janelas sem cortinas. Devon virou à esquerda na avenida principal para evitar multidões.

Havia tantas coisas para se lembrar quando ela saía e ficava entre humanos! Fingir sentir frio era uma delas. Ao se lembrar disso, ela apertou o casaco em seu corpo, como se o frio a incomodasse. Outra coisa era andar emitindo sons. Ela arrastava os pés deliberadamente com força, deixando uma trilha de pedrinhas e de poeira por onde passava. Suas botas grandes ajudavam o seu passo penoso, deixando-a desajeitada e pesada, como uma criança usando galochas de adultos.

Sua visão no escuro era outro desconforto. Ela precisava se lembrar de apertar os olhos e de ter cuidado ao andar em uma calçada cheia de detritos, que ela podia ver com perfeita clareza; precisava fingir um medo que nunca sentiu, mas que

deveria tomar conta dela. Mulheres humanas solitárias andavam com cautela à noite.

Em suma, Devon sempre precisava agir como uma presa, e não como a predadora que ela se tornara.

Ela apertou o passo, ansiosa para chegar em casa. O *flat* que alugara (em dinheiro, sem perguntas) ocupava um espaço esquálido acima de uma borracharia. Durante o dia, era barulhento, fedia a óleo e estava sempre repleto do som de conversas dos fregueses. As noites eram mais silenciosas, ainda que não menos malcheirosas.

Beco adentro, havia as escadas para a entrada dos fundos. Não havia porta voltada para a rua, mas isso era bom. Significava que ela poderia ir e vir por vielas escuras, longe de olhares curiosos — e o mesmo valia para seus visitantes, quando ela os recebia. Privacidade era essencial.

Devon pegou um molho de chaves pendurado em seu pescoço por uma cordinha, que estava emaranhada com uma bússola de latão em um chaveiro de aço. Ela conseguiu soltar a cordinha, enfiou a chave no lugar e penou com a fechadura por um momento antes de entrar.

Como nem ela nem seu filho precisavam de luz, o *flat* estava sempre em uma perpétua escuridão. Além de economizar energia, essa situação a lembrava um pouco de seu lar, quando sua casa era acolhedora: a calmaria fresca e escura da Mansão Fairweather, com seus corredores repletos de escuridão e bibliotecas banhadas por sombras.

No entanto, ela esperava uma companhia humana, então acendeu todas as luzes. Lâmpadas baratas tremeluziam em pífia existência. O *flat* tinha apenas uma sala de estar claustrofóbica, uma minúscula cozinha com uma mesa dobrável, um banheiro à esquerda e um quarto trancado à direita, onde seu filho passava maior parte de seus dias. Ela deixou sua bolsa perto da porta, pendurou o casaco em um cabide e cambaleou até o quarto dele.

— Cai? Está acordado?

Silêncio, e então um levíssimo farfalhar veio do quarto.

— Nada do creme, foi mal — disse ela. — Estava esgotado. Eu compro amanhã, beleza?

O farfalhar parou.

Como sempre, ela se sentiu tentada a entrar e oferecer algum tipo de conforto. Por volta da terceira semana, a inanição o levaria ao raquitismo e seu sofrimento se tornaria uma agonia insuportável conforme seu corpo começasse a produzir toxinas. A loucura já havia começado a consumir sua mente, incurável, exceto talvez por sua próxima refeição, e mesmo depois de comer a ânsia talvez continuasse presente indefinidamente. Ele poderia ficar sentado em um canto, catatônico, em posição fetal, ou então poderia atacá-la espumando de raiva.

Era impossível saber qual reação receberia, então, com dedos trêmulos, ela conferiu várias vezes os ferrolhos da porta, em vez de entrar. Um no alto e outro

no rodapé, ambos sólidos e instalados por ela mesma, além de uma tranca comum com chave. O cômodo não tinha janelas, cortesia de sua posição estranha em relação ao comércio abaixo; ela não precisava de mais nenhuma segurança extra. Pelo menos desta vez.

Alguém bateu à porta do *flat*. Ela se sobressaltou, desgostosa, e então conferiu seu relógio. Eram 20h10; bem na hora. Ainda bem que ela não voltou para comprar o creme.

Devon foi receber seu convidado. Ele tinha um nome, mas ela não se permitia nem pensar nele. Melhor considerá-lo apenas por seu ofício, sua profissão: o vigário local. Ele não precisava ser nada mais ou nada menos do que isso.

O vigário aguardava ansiosamente à porta, vestindo um casaco preto e amarelo-mostarda que provavelmente esteve na moda uns quarenta anos antes. Ele tinha olhos bondosos, um jeito quieto e uma paciência impressionante com sua congregação irascível. Não era cheio de mãos com crianças nem tinha problemas pessoais graves que ela houvesse conseguido descobrir depois de vasculhar intensamente por duas semanas. Todos tinham pequenos vícios e probleminhas, sempre, mas isso era comum, e ela conseguia suportar essas minúcias. Afinal, eles eram apenas humanos.

— Obrigada por vir. — Devon se encolheu. Parecia sempre desconfortável, relutante e, acima de tudo, vulnerável. Aquela atuação automática que os enganava todas as vezes. — Achei que você não viria.

— De jeito nenhum! — Ele sorriu. — Como te falei no domingo, não é problema algum.

Devon não falou nada, aparentando timidez enquanto tocava na bússola pendurada em seu pescoço. Ela já havia tido uma conversa dessas, ou alguma variação dela, muitas vezes; já tentara todos os tipos de frases e descobriu que era melhor deixá-los tomar a iniciativa. Provavelmente deveria ter vestido algo mais feminino para parecer ainda mais inofensiva, mas ela não gostava de vestidos.

— Posso entrar? — arriscou ele, enquanto ela fingia constrangimento pela grosseria, saindo da frente da porta.

Os olhos dele se fixaram no interior em ruínas. Devon não o culpava. Ela deu as costumeiras e desajeitadas desculpas pelo estado de seu *flat* enquanto ele a tranquilizava relutante, como era comum.

Depois de completar esse ritual, ela disse:

— Meu filho está mal. Eu falei com ele mais cedo e ele nem respondeu. Receio que você esteja com um pouco de azar.

O vigário assentiu com a cabeça, os lábios franzidos de preocupação.

— Se te agrada que eu tente, vejamos se consigo falar com ele.

Devon cerrou os dentes para conter uma risada de desdém. Como se falar pudesse resolver esse tipo de problema. Não era culpa do vigário, foi ela quem disse que Cai estava com depressão, mas a histeria tomou conta dela mesmo assim.

O vigário ainda aguardava uma resposta. Ela fez que sim com a cabeça em um movimento curto, esperando que ele lesse suas emoções conflituosas adequadamente, e o levou à porta trancada.

— Você tranca seu filho nesse quarto? — Ele parecia chocado, e ela conseguia sentir o peso de seu julgamento conforme destravava cada ferrolho. Indubitavelmente, ele deve ter pensado que ela tinha alguma coisa a ver com o atual estado mental de Cai.

Se ao menos ele soubesse.

— É complicado. — Devon girou a chave e parou, ciente de que seu coração estava acelerado. — Eu preciso te perguntar uma coisa.

— Pois não? — O vigário estava atento, seus sentidos alertas para um perigo ainda imperceptível aos seus olhos.

Não importava. Ele já estava perdido no momento em que pusera os pés ali.

Ela o olhou nos olhos.

— Você é uma boa pessoa? — A pergunta que a corroía, todas as vezes. Para todas as vítimas. — Você é bondoso?

Ele franziu a testa, considerando suas próximas palavras, tentando entender que tipo de reafirmação ela buscava, não que ele tivesse a mínima chance de sequer dar um palpite. Mesmo assim, sua hesitação era uma reafirmação em si. Os maus mentiam, com rapidez e suavidade — ou, pior ainda, disfarçavam, normalmente com humor. Somente os que tinham alguma consciência costumavam parar e avaliar a pergunta.

— Nenhum de nós é verdadeiramente bom — disse o vigário, finalmente. Ele colocou a mão no ombro dela de forma tão gentil e bondosa que ela quase vomitou. — Tudo que podemos fazer é viver sob a luz que nos é dada.

— Alguns de nós não têm luz alguma — disse Devon. — Então, como deveríamos viver?

Ele piscou.

— Eu...

Devon o pegou pelo pulso, escancarou a porta e o empurrou para dentro. O vigário não era nenhum molenga, mas Devon era muito mais forte do que aparentava, além de ter o elemento da surpresa a seu favor. Ele cambaleou para a frente, atônito e ofegante, na escuridão do quarto de Cai. Devon imediatamente fechou a porta e a segurou com força.

— Eu sinto muito mesmo — disse ela através da fechadura. — Só estou fazendo o melhor que consigo.

O vigário não respondeu. Ele já estava esperneando aos berros.

De fato, não fazia sentido se desculpar. As vítimas não querem suas desculpas quando você as machuca; elas querem que você pare. No entanto, isso Devon não podia fazer, e tudo o que ela tinha a oferecer àquela altura eram suas desculpas. Desculpas e bebida.

O barulho abafado da resistência oferecida pelo vigário cessou em pouco menos de um minuto. Ela nunca sabia o que era pior: os gritos ou o silêncio. Talvez

ambos fossem igualmente ruins. Depois de um momento de hesitação, ela soltou a maçaneta. Não fazia sentido trancar a porta. Cai não seria um perigo, não mais, e seria melhor garantir que ele pudesse sair do quarto à vontade.

As paredes surradas e mofadas do *flat* destruíam o espírito dela. Depois de tantos dias de fome voraz, seu filho precisaria de um descanso para digerir. Enquanto isso, ela queria beber alguma coisa e não tinha vodca em casa.

Não, espera. Ela ainda tinha meia garrafa de uísque, deixada para trás pela última pessoa que ela trouxera até lá. Devon não gostava de uísque, mas no presente momento ela gostava menos ainda da sobriedade. Depois de vasculhar os armários por alguns minutos, ela encontrou o álcool perdido.

Com a garrafa na mão, Devon se trancou no minúsculo banheiro sujo e bebeu para esquecer.



Amostra

UMA PRINCESA DE LINHAGEM MÁGICA

VINTE E DOIS ANOS ATRÁS

Ela era uma princesa de linhagem mágica. Os deuses mandaram suas sombras ao seu batismo.

— Lorde Dunsany, *A Filha do Rei de Elfland*

Devon tinha 8 anos quando conheceu seu primeiro humano, embora ela não soubesse à época o que ele era. Aliás, ela ainda não tinha percebido o que *ela* era.

Ao longo de sua infância, havia apenas as Seis Famílias, espalhadas por diferentes regiões da Grã-Bretanha. A família de Devon era a Fairweather, cuja propriedade em North Yorkshire localizava-se entre pequenas colinas e charnecas selvagens. O Tio Aike era o patriarca da mansão porque ele era o mais sábio, embora não fosse o mais velho. Abaixo dele havia uma sucessão de outros tios e tias que variavam de recém-adultos até os discretamente anciãos.

E abaixo *deles* estavam os sete filhos dos Fairweather, que, exceto por Devon, eram todos meninos. Havia pouquíssimas mulheres por lá, pois meninas eram raridade entre as Famílias. O número de tios sempre foi maior que o de tias, assim como o de irmãos sempre foi maior que o de irmãs, e não havia noiva alguma na residência na época. A própria mãe de Devon já era um rosto esquecido, pois havia muito partira para cumprir mais um contrato de casamento arranjado.

— Você é a única princesa de nosso castelinho — dizia o Tio Aike, com uma piscadela. Alto e grisalho, ele gostava de descansar seu corpo esguio em cadeiras confortáveis e beber quantidades generosas de chá de tinta. — Você é a Princesa Devon. Igual aos contos de fadas, hein? — Ele fazia alguns floreios com suas mãos, um sorriso surgindo nos cantos de sua boca.

E Devon ria, colocava uma coroa feita de margaridas trançadas e corria pelo quintal em seu vestido de renda surrado gritando *sou uma princesa!* De vez em

quando ela tentava brincar com suas tias, porque, se ela era uma princesa, então elas deveriam ser rainhas. Mas as mulheres mais velhas sempre se afastavam dela com olhares ansiosos e raramente saíam de seus próprios quartos. Devon eventualmente decidiu que elas eram chatas e as deixou em paz.

A casa em si era um edifício de três andares com dez quartos. Seria uma mansão comum entre aquelas desse tipo se não fosse pela coletânea aleatória de papeiros, extensões, telhas e detalhes góticos.

— Cortesia do seu tio-avô Bolton — disse o Tio Aike uma vez. — Arquitetura era seu, ãhn, valioso passatempo.

No subsolo, havia mais níveis repletos de corredores deliciosamente retorcidos. Devon conhecia cada cantinho e detalhe, desde os salões escuros do subsolo até as salas de música ensolaradas dos andares superiores.

E as bibliotecas. Assim como as outras Famílias, os Fairweather tinham bibliotecas com sabores característicos: livros antigos encapados em couro cuidadosamente curtido — quanto mais escuro, melhor — com capas texturizadas e em relevo. Quando abertas, as páginas de bordas amarronzadas soltavam fragmentos suaves e secos, com um cheiro que lembrava ligeiramente o das chuvas de março. Uma mordida e os dentes de livros de Devon afundariam naquelas capas e lombadas macias, avivando sua língua com o travo ácido do papel colorido pelo nanquim.

— Bibliodor. — O Tio Aike gostava de dizer, com a palavra enchendo sua boca. — É uma palavra que significa *cheiro de livros bem antigos*. Aqui nós amamos o bibliodor. E outras coisas antigas.

— Tudo nesta casa é antigo — riu Devon. Como as pinturas na sala de jantar do andar de baixo; que aparentavam ter uns quatrocentos anos. — Acho que *você* é muito antigo!

O Tio Aike sempre ria, jamais se ofendia.

— Talvez eu seja, ó princesa, mas você jamais chegará à minha idade com uma língua como a sua!

Uma língua como a sua. Muita gente comentava sobre a língua de Devon. Às vezes ela a colocava para fora e a inspecionava no espelho. Não havia nada de especial em sua língua que ela conseguisse ver.

O terreno onde eles viviam era bem vasto aos olhos de uma criança. Colinas rochosas se estendiam sobre terras pantanosas, cheias de vales e turfeiras. No verão, quando os pântanos se avivavam com os tons de roxo das urzes, Devon perseguia coelhos e perdizes. Em duas ocasiões, ela encontrou lontras, cujos dentes eram parecidos com seus dentes de livros que ainda estavam crescendo. No inverno, a grama secava e endurecia com o gelo. Ela fazia bonecos de neve com seus irmãos e, então, eles corriam juntos, sempre descalços, pelas colinas e florestas do vale.

E então, em uma manhã de janeiro, Devon, aos 8 anos de idade, saiu sozinha à procura de escrevedeiras-das-neves e raposas vermelhas. Ela tinha ouvido as

raposas latindo à noite e esperava ver uma delas correndo pela neve, como uma chama percorrendo uma folha de papel.

Ela mal tinha andado trezentos metros adentrando a pequena mata atrás da casa, quando um barulho incomum chamou sua atenção. Alguém cambaleava pelas árvores e pela neve, com passos barulhentos e desajeitados. Ninguém da Mansão Fairweather pisava tão forte, e Devon, intrigada, foi investigar.

Um homem que ela não reconhecia se arrastava aos trancos pela neve recém-caída. Ele era de uma Idade Adulta indeterminada, com cabelo escuro e pele morena quente, seu queixo coberto por uma barba cheia. Um bigode preto encaçolado emoldurava seu nariz. Estranhamente, ele usava botas pesadas, calças compridas, alguma coisa engraçada de tricô nas mãos e bizarras roupas bufantes abotoadas até a altura do queixo. E tinha outra coisa de tricô sobre sua cabeça.

Ela levou um momento para reconhecer que ele estava usando luvas, um casaco e um chapéu. Aquelas eram coisas sobre as quais ela já havia lido em histórias, mas jamais vira em uma pessoa real. Ele era muito diferente dos adultos da mansão, que eram mais pálidos e normalmente vestiam ternos velhos e sujos. Ela se perguntou se ele era um cavaleiro das Seis Famílias, mas cavaleiros normalmente viajavam em duplas, em motocicletas, puxando um dragão. Ele não tinha nenhum parceiro, nenhum um dragão e *definitivamente* nenhuma motocicleta.

Ela o circulou e deu um toque em seu ombro.

— Oi — disse ela, e deu uma risadinha quando ele quase caiu de susto. Como ele não a vira? Todo aquele tecido deve ter abafado seus sentidos.

— Caramba! — Ele tentou se acalmar, respirando fundo. Suas costeletas escuras estavam cobertas por uma camada fina de gelo, e as bainhas de suas calças estavam encharcadas de neve derretida. — De onde você saiu, pequenina?

Devon estava imensamente alegre. Já fazia pelo menos dois anos desde a última vez que ela conseguira abordar alguém de surpresa.

— Você é um dos meus primos? — perguntou ela saltitando ao redor dele. — Eu nunca te vi antes. Por que você não está de carro? Eu achava que todos os primos vinham de carro.

— Primo? Não, acho que não. — Por algum motivo, ele fitava seus pés e joelhos expostos e seu vestidinho de linho sem mangas. — Você não está com frio, querida?

Ela parou de andar, perplexa.

— Do que você está falando?

Ela só conhecia o frio por causa dos livros que comeu. O frio era o que causava a neve, em vez da chuva, assim como na história da Rainha da Neve.

Estava nevando agora, flocos leves pousavam em seus braços e preenchiam suas pegadas. E era uma sensação diferente do calor: acalentadora, ao invés de lancinante. Mas o frio fazia parte do mundo e de suas estações, uma sensação isolada da reação. Não era algo que houvesse o que se fazer a respeito.

— Menina forte — disse ele, com as sobrancelhas levantadas. — Respondendo à sua pergunta, não sou um primo. Acho que sou um convidado.

Agora que Devon entendera, ela falou com as mãos na cintura:

— Então você é muito grosseiro. Se você é um hóspede de nossa casa, deveria me dizer quem é e de onde vem.

Ela sabia que existiam não primos pelo mundo: humanos, que comem carne de animais e plantas imundas arrancadas do solo. Mas, hóspedes ou não, Família ou não, todos deveriam se portar com o que o Tio Aike chamava de *cortesia básica*.

— É mesmo? — perguntou ele com um sorriso de incerteza. — Pois bem, minhas desculpas. Sou Amarinder Patel, ou “Mani”, que é mais curto. Sou um jornalista de Londres. Você conhece Londres?

Devon assentiu com a cabeça. Todo mundo conhecia Londres. Era onde os Gladstone moravam, bem longe ao sul. Eles eram a maior, mais rica e mais poderosa das Famílias. Ela conheceu alguns de seus primos em visita uma vez.

— E você é... — O sorriso de Mani se estabilizou, tornando-se mais autêntico.

— Sou Devon Fairweather, das Seis Famílias. — Ela informou. — Toda esta terra pertence à Mansão Fairweather.

— As Seis Famílias? — repetiu ele.

Devon desistiu de sua polidez.

— O que é um jorna... jornalista? — Se ele não fosse ser educado, ela também não o seria.

— Jor-na-lis-ta — disse ele, falando pausadamente. — Do tipo investigativo. Quer dizer que eu pesquiso e vou atrás de histórias estranhas. Às vezes as coisas que descubro aparecem na tevê. Não é interessante?

— O que é a tevê?

Ele fez uma pausa menor desta vez. Estava aprendendo a esconder sua surpresa.

— Devon... Que nome interessante, a propósito... Na verdade, eu vim procurar sua família. Há boatos sobre um clã remoto que vive por estas bandas. Eu tinha esperança de escrever uma história...

— Uma história? Tipo, uma história novinha? — Devon se interessou imediatamente. — Todos os jor-na-lis-tas podem escrever histórias?

— Bem...

— Você escreveria uma só para mim? — Ela começou a pipocar perguntas de um jeito muito empolgado. — Posso comê-la depois que você acabar de escrever? Nunca escreveram uma história só para eu comer.

O sorriso escapou de seu rosto, como a neve derretendo em um telhado.

— Comer?

— É assim que histórias são feitas? Eu sempre me perguntei, mas o Tio Aike me disse que me contaria tudo quando eu fosse mais velha. Como você escreve uma história? Eu não consigo escrever uma história. Ela será um livro quando você acabar? Todas as histórias viram livros?

— Você não sabe escrever? — perguntou ele, perplexo.

— Hã? Claro que não! — Ela o encarou. — Como é que se escreve? — Se devoradores de livros pudessem escrever, eles não precisariam de livros dos outros. Os tios lhe contaram isso.

Mani soltou um lento suspiro.

— Entendi. — Ele levantou a gola de seu casaco. — Você tem um papai ou uma mamãe? — Quando ela fez cara de confusão, ele continuou, torcendo os lábios. — Alguém que cuide de você. Um adulto.

— Ah, você quer dizer o Tio Aike? — disse Devon, tentando não demonstrar seu desapontamento. O Tio Aike recebia todos os visitantes. — Acho que eu poderia te levar até ele. — Ela sabia que o estranho não gostaria de ver as tias, porque ninguém nunca queria ver as tias.

— Claro — disse Mani de um jeito sombrio. — Vamos conhecer seu tio Aike.

Devon saltitava pelos montinhos de neve, sua frustração dando lugar à conformação. E daí que o visitante queria ver o Tio Aike? Ela o encontrou primeiro. Ramsey ficaria com inveja. Seus outros irmãos também, mas ela não gostava deles tanto quanto de Ramsey; a maioria deles era bem mais velha e muito chata, nem brincavam tanto assim com ela. De qualquer forma, ela esfregaria isso na cara de Ramsey a semana inteira. Talvez até durante *duas* semanas.

A densidade da floresta diminuiu rapidamente, até dar lugar a uma colina rochosa, cujas bordas rígidas eram amenizadas pelo gelo. A casa surgiu à vista, como acontece em um livro infantil com relevos, com seus parapeitos antigos projetando-se de forma desconfortável contra a luz minguante do inverno. Alguns dos irmãos de Devon chutavam uma bola nos jardins da frente, selvagens e cobertos de mato. Nenhum deles prestou atenção nela, exceto Ramsey, que a olhou com pura perplexidade. Devon sentiu um prazer orgulhoso em seu espanto.

— Nada de eletricidade, plantações ou roupas adequadas para as crianças. A casa está caindo aos pedaços e o terreno parece malcuidado. Mesmo assim, eles têm carros modernos na garagem — falou Mani baixinho em seu aparelho preto que piscava com uma luzinha vermelha. — Não posso deixar de me perguntar o que eles comem. De qualquer maneira, são insulares e isolados. Seriam eles a fonte de todas as antigas lendas locais? — Ele a flagrou observando-o e sorriu para disfarçar.

— Siga-me — disse Devon, e o puxou, com estranha relutância, sob o amplo arco rumo ao saguão de entrada adiante.

Um tapete outrora encorpado jazia esfarrapado e estendido sobre um chão de pedras rústicas. Luminárias cristalinas pendiam assombrosamente imaculadas, desprovidas de velas ou de lâmpadas. Se elas algum dia foram acendidas, Devon nunca vira. Os cômodos pelos quais eles passavam continham sofás baixos ou mesas de madeira polida, e os candelabros e abajures também estavam intocados. As paredes eram repletas de estantes, até onde a vista alcançava. O aroma de bibliodor tomava conta de tudo.

Ela virou à esquerda no fim do corredor e saltitou até a sala de estar, seguida por Mani. Vários de seus tios estavam reunidos ao redor de uma mesa de carvalho particularmente grande, jogando bridge e bebendo chá de tinta. No momento em que Devon e seu visitante-troféu entraram, toda a conversa cessou. Todas as cabeças se viraram na direção deles.

— Tio! — disse Devon. — Encontrei um hóspede!

— Encontrou mesmo, não é? — O Tio Aike abaixou seu leque de cartas. — Quem é o senhor?

— Amarinder Patel, jornalista autônomo — falou Mani, estendendo a mão. — Eu queria...

— Aqui é uma propriedade privada — disse o Tio Aike, levantando-se lentamente. Quando não estava curvado, ele tinha mais de 1,80m de altura. — Você não tem permissão para estar aqui. Jornalistas, em especial, não são bem-vindos.

Devon ficou parada observando, perplexa. Ela nunca vira seu tio favorito ser tão sem graça. Que grande ausência de Cortesia Básica.

Mani abaixou sua mão.

— Minhas desculpas, eu teria ligado de antemão, mas nem tinha certeza se o senhor e sua família moravam aqui. Não há um número na lista telefônica, nem uma escritura, nem nomes registrados no cartório...

— É bem isso. — O Tio Aike se inclinou para a frente, o punho pressionado contra a mesa. — Não passou pela sua cabeça, Sr. Patel, que talvez não queiramos ser contatados? Ainda mais por um *jornalista*. Cidadãos privados têm direito a vidas privadas.

O ar pareceu ficar mais denso, sufocando as perguntas de Devon.

Mani ajeitou seus óculos.

— Muito bem, estou de saída.

Mas o Tio Aike apontou para uma cadeira vazia e falou:

— Bobagem. O que está feito está feito, e você já está aqui. Por favor, sente-se. — Uma de suas bochechas se contraiu de leve. — Foi para isso que você veio, não é? Encontrar membros da minha Família? Bom, fale conosco, conversemos como adultos.

— Eu... — Mani manuseou seu aparelho preto, girando-o repetidamente nas mãos. Do ponto de vista desse homem plenamente humano, ele havia entrado em uma sala sombria e escura repleta de tomos decadentes e povoada de figuras pálidas em ternos antiquados. Não era uma situação para os de coração fraco.

Mas, depois de um momento, seu profissionalismo e sua racionalidade venceram. Mani se aproximou e se sentou, espremido entre Tio Bury e Tio Romford.

— Dev, querida — disse o Tio Aike sem tirar os olhos do jornalista. — Vá brincar um pouco, está bem? Vamos passar um tempinho conversando com o Sr. Patel.

— Mas... — Devon olhou tristemente para a mesa, à qual seu convidado estava sentado, rígido. Ela sempre precisava sair quando os adultos conversavam, e isso *nunca* era justo.

Tio Aike voltou seu olhar para Devon, relaxando seu rosto e seus ombros um pouco.

— Olha só, vá até o meu quarto, princesinha, e encontre algum dos contos de fadas de edição especial. Mas fique longe da prateleira mais baixa. Nada de travessuras, hein?

— Ah! Está bem! Está bem! — Devon saiu da sala saltitando em júbilo. Embora ela só tivesse comido contos de fadas até então, alguns eram melhores do que outros, e as edições especiais do quarto de seu tio tinham um gosto incrível: lombadas douradas crocantes, marcadores de páginas feitos de fita, ilustrações brilhantes com tintas em tons diversos. Uma explosão de cores e faíscas, palavras que perduravam e envolviam o paladar.

A última coisa que ela ouviu antes de disparar rumo às escadas foi seu tio dizer:

— Romford, feche a porta, por gentileza.

Ela esqueceu tudo sobre eles no momento em que acabou de subir as escadas. O escritório do Tio Aike ocupava um cômodo pequeno da ala leste, e foi para lá que ela rumou.

Devon entrou silenciosamente. As paredes eram ornadas com pinturas renascentistas e uma eclética seleção de instrumentos, incluindo um alaúde chinês, que Devon jamais ouvira seu tio tocar. Presentes de devoradores de outros países, quando viajar ao exterior era um pouco mais fácil. Hoje em dia havia muita papelada.

Uma escrivaninha e umas cadeiras compunham uma sala de estar aconchegante; uma cama *king size* ocupava a maior parte do espaço. As janelas há muito haviam sido fechadas por tábuas e cobertas por ainda mais estantes. A estante mais próxima abrigava várias cópias de diversas lendas arturianas; essas cópias geralmente eram dadas a seus irmãos. Eram cheias de histórias que meninas não precisavam conhecer.

Abaixo havia uma fileira de contos de fadas. *A Bela e a Fera*, *Cinderela*, *A Bela Adormecida* e *Branca de Neve*. E vários outros. Todos livros que contam histórias de meninas que procuraram e encontraram o amor ou então que fugiram de casa e se depararam com a morte. Ela praticamente conseguia ouvi-lo dizer: *a lição está na história, querida*. Aquela era a prateleira especificada por seu tio.

Devon tinha outras ideias.

Ela pegou o banquinho de madeira que seu tio mantinha embaixo da cama e o arrastou. Se ficasse na ponta dos pés, poderia alcançar a prateleira mais alta, o que era muito mais empolgante.

De onde estava, não conseguia ver quais livros estavam lá, mas isso não importava. Todos os livros eram proibidos e, portanto, desejados. Mesmo a mais diligente das crianças se cansava da mesma refeição, dia sim, dia não; ela não poderia perder a chance de provar algo diferente.

Os dedos dela se fecharam ao redor de uma lombada de papel, e Devon puxou o livro para fora, quase perdendo o equilíbrio. Seu tio ficaria irritado se descobrisse, então ela seria castigada comendo só dicionários chatos durante uma semana, mas a empolgação por algo proibido parecia valer esse risco.

Ela se sentou no banquinho e examinou seu prêmio. Estava escrito *Jane Eyre* na capa do livro, em uma escrita superficial. A capa de couro vermelho tinha a ilustração de uma jovem cercada por flores. A data da impressão indicava que a autora já falecera havia tempos. Ela sentiu um calafrio. O fato de as palavras poderem ficar lá, reimpressas e frescas, muito tempo depois da morte do escritor original, nunca deixou de a impressionar. Devon o abriu em uma página aleatória.

“Um sabor de vingança que provei pela primeira vez; como um vinho aromático, ao deglutir, parecia morno e picante: seu retrogosto, metálico e corrosivo, dava-me a sensação de ter sido envenenada.”

Que coisa deliciosamente impertinente, nada esperado de uma princesa ou de uma menininha! A ideia de que a vingança pudesse ter o gosto de um livro particularmente empolgante era deveras intrigante. Esse romance, seja ele qual fosse, certamente seria muito mais interessante do que um conto de fadas corriqueiro.

Ela abriu sua boca, expondo seus dentes — e parou. Um ímpeto estranho tomou conta dela, não para comer o livro, mas para apenas levá-lo consigo. Na verdade, para lê-lo, o que era possível, ainda que um pouco errado.

Ler era vergonhoso. *Consumimos conhecimento escrito*, seus tios e tias disseram várias vezes. *Consumimos, armazenamos e coletamos todas as formas de carne de papel como o Colecionador nos criou para fazer, trajados como estamos, na pele da humanidade. Mas não lemos, e nem podemos escrever.*

O que não era um problema, exceto pelo fato de que todos sabiam que o Colecionador nunca mais voltaria. Os devoradores de livros viveriam e morreriam sem transferir suas informações acumuladas aos cofres de dados desconhecidos do Colecionador. Ela não conseguia ver o propósito por trás do propósito deles.

Além disso, pegar um livro da estante de cima já era errado mesmo. Não faria mal fazer algo um pouquinho mais errado.

Um pecado leva a outro; a decisão foi instantânea. Devon enfiou o livro em sua camisa para levá-lo ao seu quarto, na ala oeste. Ela caminhou pelo sobrado até o outro lado e, então, desceu as escadas, se esgueirando em seu quarto. Quando acabou de ler um capítulo e escondeu o exemplar de *Jane Eyre* sob seu colchão, já havia se passado quase uma hora.

Ela ressurgiu no corredor, ajeitando seu vestido e tentando não parecer uma criminosa. A mansão estava bem silenciosa, mesmo para uma tarde invernal. As tias provavelmente estavam trancafiadas em seus quartos, dos quais elas raramente saíam. Os únicos sons eram os gritos e berros de seus irmãos lá fora, mas mesmo isso parecia emudecido, mais abafado do que quando ela entrou com Mani.

Ela se sobressaltou. O jornalista! Como ela pôde se esquecer de seu convidado? Devon subiu dois degraus por vez e correu até a sala de estar.

Mas seu convidado já havia partido. Na verdade, a sala de estar estava vazia, exceto pelo Tio Aike, que estava sentado perto da lareira com seus pés em um banquinho. Ele levantou a cabeça quando Devon entrou e acenou para ela.

— Entre, querida. Sente-se.

Ela se ajeitou na cadeira próxima do tio.

— Cadê o jor-na-lis-ta?

— O Sr. Patel está descansando em um cômodo da adega. — Tio Aike tinha as mãos mais gentis do mundo, jamais puxando ou se enroscando nos cachos de Devon enquanto os penteava com os dedos. — Amanhã cedo, cavaleiros virão para levá-lo embora.

— Embora? — Ela só vira os cavaleiros uma vez. Eles eram sérios e assustadores, não eram nada legais ou divertidos como seu tio. — Para onde?

— Para a Mansão Ravenscar — disse ele depois de um momento de hesitação. — Ela fica próxima da costa, a muitos quilômetros daqui. O patriarca de lá tem uma utilidade para humanos.

— Ah! — falou Devon, cabisbaixa porque outra casa roubaria seu convidado. — Eu queria que ele ficasse.

— Sinto muito, princesa. Eu sei que você queria. Mas receio que o Sr. Patel não seja um homem agradável. Ele queria contar histórias sobre nós para as outras pessoas.

— Histórias são coisas boas. Não são?

— Não, nem todas as histórias são coisas boas. — Tio Aike beijou sua cabeça acima da orelha. — Aqui nesta casa, você só tem os livros certos para comer porque só te damos as histórias certas, adequadas para uma princesinha. No entanto, algumas histórias são certamente ruins, e seu pobre Sr. Patel escreveria histórias muito ruins.

Devon ponderou sobre isso.

— Quer dizer que ele era um escritor estragado?

— De certo modo. — Ele parecia entretido pelo que ela disse. — Sim, essa é uma descrição boa o bastante.

— Ah, entendi! Os Ravenscar vão consertá-lo, Tio?

— Certamente, querida — disse o tio, observando o fogo. — Certamente.

